

A RECEPÇÃO DA MORTE: QUANDO A VIDA NÃO TEM VALOR

RECEPTION OF DEATH: WHEN LIFE DOES NOT HAVE VALUE

Muriel Emídio Pessoa do Amaral¹
Paula Melani Rocha²

Resumo

A proposta desse artigo é de analisar a recepção da imagem que mostra o governador Wilson Witzel após o desfecho do sequestro do ônibus sobre a ponte Rio-Niterói, na ocasião, Witzel comemorou o fim do acontecimento. A recepção da imagem foi analisada a partir das considerações de anônimos na cidade de Ponta Grossa, Paraná, Brasil. A partir das considerações de Giorgio Agamben sobre o *homo sacer*, a vida que pode ser descartada, o artigo pretende apresentar como algumas vidas podem ser eliminadas sem que isso cause dolo ou responsabilidade. Para isso, a pesquisa apresenta como metodologia a experiência estética para coleta de informações e, posteriormente, essas informações serão analisadas segundo circuito de cultura, desenvolvido por Richard Johnson.

Palavras-chave: *Homo sacer*. Circuito. Experiência estética

Abstract

The purpose of this article is to analyze the reception of the image that shows Governor Wilson Witzel after the end of the bus hijacking over the Rio-Niterói bridge, on the occasion, Witzel celebrated the end of the event. The reception of image was analysed based on anonymous considerations in the city of Ponta Grossa (PR). Based on Giorgio Agamben's considerations about *homo sacer*, the life that can be discarded, the article intends to present how some lives can be eliminated without this causing deceit or responsibility. For this, the research presents as a methodology the aesthetic experience for collecting information and, later, this information will be analysed according to the culture circuit, developed by Richard Johnson.

¹ Professor colaborador do Departamento de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Doutor e Mestre em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista (Unesp/Bauru). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4761413125048116>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3069-6697>. E-mail: murielamaral@yahoo.com.br.

² Professora do Departamento de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Doutora e Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos (UFScar). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6167780482628027>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5525-6650>. E-mail: paulamelani@gmail.com.

Keywords: *Homo sacer*. Circuit. Aesthetic Experience

1 INTRODUÇÃO

Este artigo integra pesquisa que analisa representações da vida *homo sacer* (AGAMBEN, 2010) nas práticas discursivas e processos comunicacionais e jornalísticos para apresentar algumas vidas que podem ser descartadas sem que isso cause dolo ou responsabilidade. A partir dessa ideia, o projeto pretende reconhecer que os discursos jornalísticos se encontram como circuito em práticas de referenciais culturais que se encontram em circulação. Outros estudos com essa temática já foram realizados como a pesquisa de recepção do *impeachment* de Dilma Rousseff e as representações dela nos discursos jornalísticos, a partir da leitura das capas da revista *Veja* (AMARAL, 2019). Nessa pesquisa, houve a intenção de confirmar que o desejo de *impeachment* não partiu da ação política (ARENDDT, 2018) para eliminar a corrupção, mas de reconhecer a participação dos interlocutores como manifestação das paixões fora do esquadro político.

Assim, a discussão do texto se debruça em apresentar como a imagem do governador do estado do Rio de Janeiro, Wilson Witzel, do Partido Social Cristão (PSC), comemorando o desfecho de um sequestro ocorrido no Rio de Janeiro, foi recebida entre participantes escolhidos aleatoriamente na cidade de Ponta Grossa (PR). A pesquisa aconteceu no dia 24 de agosto de 2019 no parque público localizado na região central da cidade, conhecido como Parque Ambiental. A imagem foi produzida após o desfecho do sequestro de um ônibus intermunicipal na ponte Rio-Niteroi, no dia 20 de agosto de 2019, e ao final do acontecimento, o autor do feito, Willian Augusto da Silva, foi executado, e o governador apresentou gestos de comemoração ao visitar o local do acontecimento.

Na cidade do Rio de Janeiro, o número de mortes ocorridas por armas de fogo praticadas por policiais foi preocupação inclusive da OEA (Organização dos Estados Americanos) (AGÊNCIA BRASIL, 2019). De acordo com a instituição, no primeiro semestre de 2019, 434 foram frutos da atuação policial, como foi o caso da menina Ágatha Félix, de 08 anos, que foi morta em 20 de setembro de 2019, no Complexo do Alemão, zona norte da cidade (BARON, 2019) e o falecimento do músico Evaldo dos Santos, morto por 80 tiros disparados por policiais ao ter sido confundido com bandido (G1; TV Globo, 2019).

Como a proposta da pesquisa é de reconhecer como os participantes receberam a imagem, foi feita uma plastificação de um trecho da reportagem contendo fotografia, título e subtítulo como apresenta a figura a seguir³. A escolha da imagem do site de Veja foi aleatória. Naquela semana, sites (TALENTO, 2019; MELLO, 2019), revistas (REVISTA ISTOÉ, 2019) e jornais (FOLHA DE S. PAULO, 2019) publicaram o acontecimento com a fotografia em diferentes ângulos.

Figura 1 – Witzel celebra PM e cobra ações de snipers em comunidades do Rio



Fonte: Site Revista Veja, 2019.

A imagem em tela refere-se ao desfecho do sequestro de um ônibus ocorrido sobre a ponte Rio-Niterói. Naquela manhã, do dia 20 de agosto de 2019, por volta das 5h, Willian Augusto da Silva, um rapaz de 20 anos que sofria por crises de depressão e por estar desempregado, tomou o ônibus da linha 2520 Alcântara/Estácio, que tem como itinerário São Gonçalo, Baixada Fluminense, ao bairro Estácio, nas proximidades do centro da cidade do Rio de Janeiro. Por volta das 6h, quando o veículo se encontrava sobre a ponte, ele deu voz de sequestro. Com uma arma de brinquedo, uma arma de choque, uma faca e certa quantidade de gasolina em garrafa PET, Silva manteve, por pouco mais de três horas, 31 pessoas em seu

³ O objeto produzido pelos autores foi extraído do endereço: <https://veja.abril.com.br/brasil/witzel-celebra-pm-e-cobra-acoes-de-snipers-em-comunidades-do-rio/>. Acesso: 21 ago. 2019.

poder até ser executado. Ele não tinha antecedentes criminais ou quaisquer outras complicações com a Justiça.

Depois de horas de negociações frustradas para rendição, Silva foi executado com seis tiros por atiradores de elite do Batalhão de Operações Especiais, conhecidos como *snipers*. Ao término do sequestro, Wilson Witzel chegou ao local a bordo de um helicóptero. Assim que deixou a aeronave, ele cerrou os punhos e os levou ao ar, abriu um sorriso, tudo registrado pela imprensa que estava no local e por seus assessores, como a foto em questão. Assim, a partir deste acontecimento, a pesquisa se propõe em analisar como anônimos receberam a imagem veiculada pela imprensa, redes sociais e aplicativos de conversa.

A pesquisa aplicada em Ponta Grossa adotou como metodologia de coleta a experiência estética (DUFRENNE, 2008) e os participantes puderam expor suas considerações de modo livre, sem julgamento moral. Após esse procedimento, os depoimentos dos participantes foram analisados de acordo com o circuito de cultura, elaborado por Richard Johnson (2006). A ideia de circuito acredita que o sentido dos processos culturais e comunicacionais se encontram nos contextos em que os discursos foram produzidos. Além disso, não menos importante, a pesquisa se apoiou nas considerações de Agamben (2010) sobre a vida que pode ser descartada, o texto apresenta como o autor denominou esse conceito em diálogo com Michel Foucault (2012, 2014) e Hannah Arendt (2018, 1983). Essas reflexões serão apresentadas ao longo do texto. Ao todo foram abordadas 24 pessoas, sendo que 18 se dispuseram a participar até o final da pesquisa. São homens e mulheres de diferentes formações escolares e atuação profissional; a ideia de fazer um escopo variado de pessoas vai ao encontro do pensamento de Arendt (1999) sobre a banalidade do mal, esse pensamento também será elaborado no decorrer do texto.

Após a repercussão das imagens do governador serem disseminadas, o mesmo alegou que a comemoração não foi por conta da morte do rapaz, mas em celebração das vidas que não foram eliminadas em possível descontrole de Silva. Em manifestação pública, o governador declarou para o jornal O Globo: “Hoje não chora a família de um inocente” (COELHO et. al., 2019). Além disso, Witzel elogiou a atuação da polícia no caso por ter agido com cautela e precisão no desfecho do sequestro.

2 QUADRO METODOLÓGICO

Entre as primeiras considerações que são realizadas é quanto ao conceito de Giorgio Agamben (2010) sobre *homo sacer*. O autor resgata concepções do direito arcaico romano. De acordo com Agamben, Festo, procurador de Nero, escreveu que a vida do *homo sacer* é aquela em o povo julgou por algum delito e não é ilícito sacrificá-la, e, se essa vida é eliminada, o autor da morte não pode ser condenado pelo homicídio. A partir dessa consideração que Agamben (2010) considerou que há algumas existências que podem ser consideradas como sendo *homo sacer* ou vida nua, a vida desprovida de qualidade política ou pública. A leitura que o autor faz dessa qualidade de vida é em interface às considerações de Michel Foucault (2012, 2014) acerca das manifestações sobre biopolítica, além do diálogo com Hannah Arendt (2018, 1983) sobre política e espaço público. Para Agamben (2010), a vida poderia ser eliminada de acordo com os desejos do soberano, entretanto, a figura do soberano depois da modernidade não se concentra mais no papel de um monarca ou algo semelhante, mas em figuras que exercem poder, mesmo de forma silenciosa; por isso, que o autor voltou atenção às práticas de biopolítica/biopoder e as microfísicas do poder apresentadas por Foucault. As manifestações de biopolítica desenhadas por Foucault podem ser reconhecidas para ilustrar as representações de *homo sacer* por ser uma estratégia desenvolvida com a intenção de manter o controle e disciplina de corpos, mentes e subjetividades (AGAMBEN, 2010). Para Foucault (2014), o nascimento da biopolítica aconteceu para estabelecer controle e disciplina de tal forma que não fosse mais necessário recorrer à súplica do corpo, mas no desenvolvimento de estratégias e tecnologias para promover a docilização de grupos e sociedades. Conforme apontado por Pelbart (2008, p. 3), “O biopoder contemporâneo, conclui Agamben torcendo um pouco a concepção de Foucault, reduz a vida à sobrevivência biológica, produz sobreviventes”, ou seja, a vida se reduz à mera existência metabólica, sendo desprovida de representação política.

Na modernidade, governos ocidentais promoveram a biopolítica na intenção de manter a saúde e a profilaxia da sociedade, todavia, de acordo com Foucault (2014), a articulação da biopolítica estava muito mais associada a práticas de promoção do capitalismo do que aos movimentos relacionados a programas de saúde. Além disso, a biopolítica, ao longo de vários anos de aplicação, promoveu distinção e hierarquização entre grupos e sujeitos. Aqueles que não se enquadravam aos ditames de uma sociedade supostamente produtivista e saudável poderiam ser excluídos e taxados como “anormais”, “doentes” ou “criminosos”, além de serem alvos de ações de ortopedia social, isto é, serem submetidos a medidas para que fosse revertida a realidade e, assim, esses grupos serem aptos ao convívio em sociedade. Pela ótica

de Agamben (2010), assim como nas considerações de Foucault, a biopolítica não reconhece variações de subjetividades e atua na intenção de promover sujeitos e grupos domesticados, o que ocasiona a doutrinação da vida.

Ainda na esteira do pensamento de Agamben (2010), o conceito de *homo sacer* também se apóia nas considerações de Hannah Arendt (2018, 1983) quando a autora relatou sobre ação política, espaço público e liberdade. Os posicionamentos da autora sobre política foram traçados a partir de reflexões sobre regimes totalitários fascistas na Europa, ao final da primeira metade do século XX, que causaram o extermínio de milhares de vidas na ocorrência do holocausto. Para Arendt, a política não está envolvida com manifestações partidárias e nem com o governo, e sim está associada à intenção de organização em conjunto dentro do espaço público (ARENDR, 2018, 1983).

Como Arendt (2018) desenvolveu seu pensamento em estudos sobre os regimes totalitários, para ela, a política se apoia nas condições de liberdade, visibilidade e comunicação, uma condição diametralmente oposta aos regimes totalitários. Destarte, não há como conceber a política na tentativa de minar as três referências que oferecem suporte para a ação política. Os movimentos que possam destruir as manifestações públicas de liberdade, prejudicar a visibilidade de sujeitos ou grupos no espaço público sem estabelecer diálogos pela comunicação não configuram ação política, como foi o holocausto, mas movimentos de violência que foram desenvolvidos em nome da fantasia de uma suposta supremacia da raça ariana.

Para a autora os regimes totalitários que promoveram a morte de milhares de pessoas nos campos de concentração não estavam associados à ação política, mas no provimento da violência e do horror. A partir das considerações de Arendt (1983), Agamben (2010) reforçou a ideia de *homo sacer*. De acordo com o autor, aquelas vidas, sob o olhar do soberano que prezava pela destruição de tudo aquilo que não fosse igual aos seus pares, não tinham sentido de existência e levá-las ao extermínio não poderia ser motivo de penalidade ou responsabilidade, uma vez que eram desprovidas de valor político. Sobre as existências que podem ser desconsideradas, Judith Butler (2004) apresenta que nem todas as mortes podem ser dignas de luto porque enquanto existência nunca foram consideradas vidas propriamente ditas. De modo pragmático, como velar por vidas extintas, sendo que essas nunca existiram de fato enquanto uma forma de participação e visibilidade social?

Com as considerações teóricas estabelecidas, é importante apontar as metodologias utilizadas na pesquisa. Como metodologia, a pesquisa se apoia em duas propostas. A primeira

delas é a experiência estética (DUFRENNE, 2008) enquanto método de coleta das considerações dos participantes sobre a imagem selecionada para a pesquisa. Após a coleta das considerações, estas serão analisadas de acordo com o circuito de cultura, desenvolvido por Richard Johnson (2006).

De acordo com Dufrenne (2008), amparado em Immanuel Kant sobre estética enquanto movimento desinteressado, a experiência estética é compreendida como movimento desinteressado em relação ao objeto, mas envolvida com a experiência do observador. A experiência acontece sem impedimentos, sendo contemplada pela fluidez das considerações proferidas pelos interlocutores:

A verdadeira expressão brota das profundezas do objeto quando essas profundezas ascendem às superfícies e se expõem, todas, no sensível, para despertar no espectador o sentimento singular de uma qualidade afetiva que pode ser enquadrada numa categoria afetiva. (DUFRENNE, 2008, p. 73).

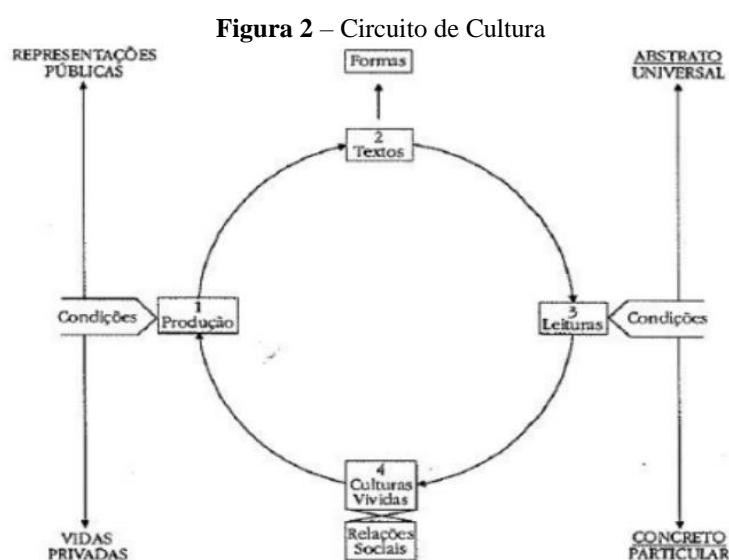
Por esse caminho, as observações proferidas pelos participantes não seriam questionadas do ponto de vista da qualidade moral, legal ou quaisquer outras ponderações, seriam coletadas e analisadas enquanto parte do circuito de cultura.

O circuito de cultura desenvolvido por Johnson (2006) contempla considerações desenvolvidas pelos Estudos Culturais em compreender que a dominação não se encontra exclusivamente pelo viés da condição econômica, mas pelas movimentações culturais. A proposta de analisar os depoimentos coletados a partir da leitura da imagem em questão oferece outra perspectiva acerca dos modos de recepção dos discursos midiáticos e jornalísticos, pois contempla a participação dos interlocutores no processo comunicacional e avalia os contextos em que estão inseridos a produção, consumo e circulação dos discursos.

A ideia de formação de circuito oferece uma outra visão aos estudos de recepção, pois não reconhece a recepção como uma via de mão única ou uma estratégia de dominação de públicos. Conforme aponta Lopes (2014, p. 67), os processos de recepção “devem ser vistos como parte integrante das práticas culturais que articulam processos tanto subjetivos como objetivos, tanto de natureza micro (o ambiente imediato controlado pelo sujeito) como macro (a estrutura social que escapa a esse controle)”, ou seja, os interlocutores são personagens ativos e colaboram para o desenvolvimento das dinâmicas de produção, recepção e consumo dos conteúdos.

A metodologia desenvolvida por Johnson (2006) acredita na força dos interlocutores na promoção de sentido que na produção dos *textos*, ou seja, o valor do sentido encontra-se na circulação promovida pelos interlocutores:

O circuito envolve movimentos entre o público e o privado, mas também movimentos entre formas mais abstratas e mais concretas. Estes dois polos estão relacionados de forma bastante estreita: as formas privadas são mais concretas e particulares em seu escopo de referência; as formas públicas são mais abstratas, mas também têm uma abrangência maior. (JOHNSON, 1999, p. 38).



Fonte: Johnson (2006, p. 35).

Para compor o circuito, Johnson (2006) o estrutura em quatro partes. A primeira delas é a *produção*. Segundo o autor, a produção não está alicerçada apenas em aspectos fabris para atender a algum mercado consumidor, mas, conforme demonstra na figura anterior, são levados em consideração *representações públicas* e traços da *vida privada* para dar base à produção, ou seja, considerações pessoais, subjetivas e representações públicas e coletivas também podem ser contempladas para fortalecer a produção cultural. A segunda etapa consiste na apreciação dos *textos*. Essa etapa considera os *textos* não apenas na condição verbal, mas podem incluir fotografias, filmes, pintura e outras materialidades que apresentam sentido e formas. Mesmo levando em consideração os *textos*, eles não são suficientes para compreender o sentido. Para o autor, as condições semióticas são:

[...] limitadas, de uma forma muito fundamental, por permanecerem no interior dos termos da análise textual. Mesmo quando vão além dela, elas subordinam outros momentos à análise textual. Em particular, elas tendem a negligenciar questões sobre produções de formas culturais ou de sua organização social mais ampla, ou a reduzir questões de produção à “produtividade” (...) Elas também tendem a negligenciar questões relativas às leituras feitas pelo público ou subordiná-las às competências de uma forma textual de análise. (JOHNSON, 2006, p.78).

Devido a essa consideração que a pesquisa não pretende analisar a composição imagética da fotografia e acredita ser importante reconhecer o sentido da imagem enquanto parte de um circuito que se mantém em circulação. Para enfatizar a participação dos interlocutores, o autor trouxe na terceira parte do circuito a *leitura*. Essa parte não se refere apenas na interface entre interlocutores e os *textos*, mas os leitores trazem aspectos subjetivos em diálogo com o contexto em que estão inseridos para a realização da leitura. Para o autor, a leitura é a “atividade estruturada da vida, em seus lados objetivos e subjetivos, de leitores ou grupos de leitores: suas localizações sociais, suas histórias, seus interesses subjetivos, seus mundos privados” (JOHNSON, 2006, p. 89).

Por esse momento que Johnson (2006) considera que a quarta parte do circuito é constituída pelas *Culturas Vividas* e pelas *Relações Sociais*, isto é, nesse momento, são contemplados os contextos de todo o circuito que, por sua vez, reinicia pela produção. A sensibilidade de compreender os contextos em que as produções culturais são realizadas oferece uma elucidação para reconhecer o sentido dessas produções. Conforme aponta o autor, “O contexto determina o significado, as transformações ou a saliência de uma forma subjetiva particular, tanto quanto a própria forma. O contexto inclui (...) situações imediatas (por exemplo, o contexto doméstico do lar) e o contexto ou a conjuntura histórica mais ampla” (JOHNSON, 2006, p. 94). O autor considera questões subjetivas e sociais para valorar a produção cultural, assim, as produções não estão distantes da realidade que envolve os interlocutores e os modos de produção e podem ser consideradas como sintomas das nuances dos discursos que estão em circulação em determinada sociedade.

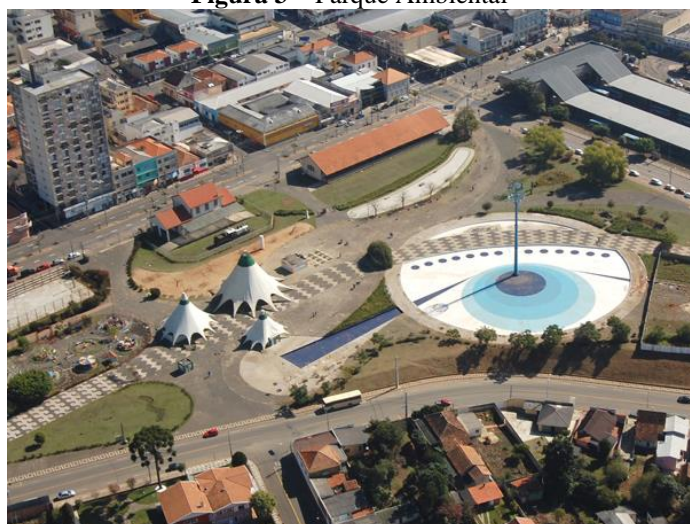
3 DESENVOLVIMENTO

Essas considerações teórico-metodológicas oferecem base para compreender o discurso dos participantes ponta-grossenses quanto à imagem em tela, levando em consideração o contexto em que estão inseridos os depoimentos dos participantes, bem como a circulação e produção da imagem. A escolha por Ponta Grossa foi devido à proximidade dos

pesquisadores com a cidade. Ponta Grossa pertence ao estado do Paraná e está localizada na região dos Campos Gerais, a 117km da capital, Curitiba. De acordo com censo de 2010 (IBGE, 2010), a cidade contabiliza 311.611 habitantes, tem 196 anos e apresenta forte colonização de imigrantes europeus, principalmente da Polônia, Holanda, Alemanha e Itália. Além disso, há histórico escravocrata no período colonial.

A averiguação de campo aconteceu na região central da cidade, mais especificamente no Complexo Ambiental Governador Manoel Ribas, popularmente conhecido como Parque Ambiental, em 24 de agosto de 2019, das 14h às 16h 30. A escolha do espaço justifica-se por ser uma área de alta circulação de pessoas, o que facilitou a coleta de informações e uma possibilidade de encontrar posicionamentos diversos sobre a leitura da imagem. A fotografia a seguir é uma imagem aérea do espaço onde foi realizada a pesquisa.

Figura 3 – Parque Ambiental⁴



Fonte: Site The Cities, 2019.

A intenção da abordagem foi de modo aleatório, sem delimitar sexo, idade, formação escolar ou qualquer outra forma de estratificação. Essa escolha de não definir o perfil específico dos participantes vai ao encontro do pensamento de Arendt (1999) sobre a banalidade do mal. A autora formulou esse conceito após acompanhar o julgamento de Adolf Eichmann, que aconteceu em Jerusalém⁵. Eichmann era responsável pela logística dos trens na Alemanha nazista e, assim, foi responsável pelo envio de milhares de pessoas à morte.

⁴Disponível em: <https://www.thecities.com.br/Brasil/Paran%C3%A1/Ponta-Grossa/Lazer/1108/>. Acesso: 14 fev. 2019.

⁵Adolf Eichmann foi sequestrado pela polícia de Israel em 11 de agosto de 1960, de Buenos Aires, Argentina, onde morava por mais de 10 anos depois do fim do nazismo na Alemanha. O seu julgamento ocorreu em abril de 1961, sendo condenado à pena de morte por enforcamento em 31 de agosto de 1962.

A imagem construída sobre Eichmann era de um homem abominável e violento, até foi providenciada uma redoma de vidro que o dividia dos demais presentes durante os dias de julgamento. Todavia, Arendt percebeu um sujeito franzino, medíocre e sem expressão, ou seja, um sujeito banal e, a partir de então, ela passou a acreditar que o mal era sintoma da ausência de pensar politicamente, ou seja, a debilidade de promover a articulação em nome da polis abre brechas para a manifestação do mal e, por isso, seria banal (ARENDR, 1983). Durante sua defesa, Eichmann afirmou que era inocente e que fez tais medidas porque apenas obedecia a ordens superiores. Pela visão de Arendt (1999), ele não seria culpado pelo holocausto, mas responsável, uma vez que se ausentou de pensar politicamente.

A ideia de Arendt oferece base para acreditar que o mal, considerado banal, não é articulado por uma pessoa que obrigatoriamente goza de destaque e projeção, mas pode ser articulado por sujeitos anônimos. A proposta da pesquisa não é de aproximar os participantes do processo aos signos fascistas, por outro lado, é importante considerar que a ausência de pensamento político desenhado por Arendt e o movimento de prezar pela morte alheia ao reconhecer que algumas vidas podem ser descartadas fomentam a fragmentação do espaço público. Destarte, a pesquisa se estende em apresentar quantitativamente os participantes, bem como suas considerações sobre a imagem em tela.

Na pesquisa de campo foram abordadas 24 pessoas aleatoriamente. Desse total, 18 participaram com suas considerações, 04 não sabiam opinar sobre a imagem porque desconheciam o acontecimento e 02 se recusaram a participar da pesquisa. Foram 11 mulheres e 07 homens, 03 na faixa de 50 a 59 anos, 04 na faixa de 40 a 49 anos, 08 na faixa de 30 a 39 anos, 02 com 19 anos e 01 um com 70 anos. A escolarização também apresentou diversidade: 03 participantes com 1º grau completo; 11 com segundo grau completo; 03 com terceiro grau completo; e 01 com curso técnico. O quadro abaixo traz informações dos participantes de acordo com sexo, idade, profissão e formação escolar. Ao abordar os participantes, estes poderiam fazer suas condições, impressões sobre a imagem sem qualquer menção de reprovação ou apoio.

Quadro 1 - Perfil dos participantes

Identificação	Sexo	Idade	Profissão	Formação escolar
(1)	F	55	Auxiliar de limpeza	1º grau completo
(2)	M	70	Aposentado	2º grau completo
(3)	F	54	Zeladora	2º grau completo

(4)	M	57	Taxista	1º grau completo
(5)	F	42	Desempregada	2º grau completo
(6)	M	36	Empreendedor	2º grau completo
(7)	F	38	Do lar	Curso técnico
(8)	F	19	Estagiária	2º grau completo
(9)	M	30	Auxiliar de vendas	2º grau completo
(10)	F	33	Comerciante	2º grau completo
(11)	F	36	Do lar	2º grau completo
(12)	M	34	Motorista	2º grau completo
(13)	M	43	Técnico industrial	3º grau completo
(14)	F	34	Desempregada	1º grau completo
(15)	F	45	Ambulante	2º grau completo
(16)	F	40	Administradora	3º grau completo
(17)	M	37	Vendedor	3º grau completo
(18)	F	19	Estagiária	2º grau completo

Fonte: Elaborado pelos autores, 2021.

De todos os participantes, apenas três deles – (7), (11), (13) - não concordaram com a imagem em que o governador deixa o helicóptero e faz gesto de comemoração. Exceto os participantes (1), (2) e (15), todos os demais não condenaram ou criticaram a atuação da polícia de neutralizar Silva da forma como aconteceu. “A vida é muito importante. A polícia deveria ter um meio de evitar a morte”, disse a participante (1) e, por isso, não concordou nem com a comemoração do governador fluminense, nem com a atuação da polícia. O participante (2) foi mais técnico na explicação ao dizer o porquê de não concordar com a execução do rapaz. Ele é militar aposentado e por mais de 20 anos ocupou a função de fuzileiro em um batalhão de Ponta Grossa e disse que a morte de Silva poderia ter sido evitada. “Na minha época havia táticas de intimidar. Não achei certa a atuação da polícia”.

A colocação do participante vai ao encontro da proposta do circuito, uma vez que seus posicionamentos acerca da imagem foram obtidos pelas mediações que não elaboradas por ele mesmo. Para Martín-Barbero (2000, p.154), a mediação “significava que entre estímulo e resposta há um espesso espaço de crenças, costumes, sonhos, medos, tudo o que configura a cultura cotidiana”, algo muito semelhante ao processo de leitura elaborado por Johnson (2006) em que há a necessidade de considerar os aspectos particulares e universais para a interface com os produtos culturais. As mediações consolidam a produção de sentido dos

produtos culturais e também de todo o processo da comunicação, pois não se limitam apenas em reconhecer a função dos meios ou as formações discursivas, mas também de oferecer protagonismo aos interlocutores e aos contextos.

A condição de *homo sacer* se encontra nos discursos de alguns participantes. A primeira a apresentar que a vida do rapaz poderia ser excluída foi a participante (5). Ela foi abordada enquanto acessava ao celular e se mostrou resistente à participação. Quando abordada sobre como ela recebeu a imagem, ela foi incisiva “Ele fez por merecer”. Questionada se ela poderia desenvolver mais a opinião, ela foi categórica “Ele é bandido”. Após responder ao pesquisador, ela demonstrou desdém em continuar e pediu para não responder mais. Semelhante ao posicionamento da participante (5), o participante (17) afirma que a vida de Silva foi contabilizada como “sendo menos uma”, de acordo com as próprias palavras.

Ambos participantes apresentam discursos semelhantes ao pontuarem que algumas vidas não expressam peso social ou político e, por isso, a morte é contenta. O discurso dos participantes corrobora com o pensamento de Agamben (2010) quando ele explana sobre o conceito da vida nua enquanto condição *bandida*. De acordo com o autor, o *bandido* não é exclusivamente o sujeito contraventor, autor de alguma ilicitude ou crime, mas é aquele sujeito que integra os *bandos*, grupos formados por vidas que não expressam significância política ou social segundo os olhos soberanos e que por isso podem ser eliminados.

Por esse pensamento, os *bandidos* podem ser considerados os sujeitos que se encontram em limbo social, que compõem os cenários periféricos ou que se encontram alheios às estruturas de poder. Mesmo sem antecedentes criminais e apresentar moral ilibada, Silva poderia ser considerado um *bandido*, não apenas porque promoveu o pânico entre os passageiros do ônibus, mas porque ele faz parte de grupos que não são contemplados pelas relações de poder. Por esse olhar, os *bandidos* podem ser mulheres, afro-brasileiros, desempregados, suburbanos, pobres, indígenas, LGBTQI’s ou sujeitos que integram grupos denominados subalternos ou minorias, pois não dialogam com o poder.

Por essa ótica, Silva pode ser considerado *bandido* porque não atendeu às expectativas das vontades biopolíticas do soberano. Primeiramente, dentro de uma sociedade capitalista, que preza pela alta performance de produtividade, estar desempregado torna-se um empecilho na dinâmica das práticas capitalistas. Por outro lado, ser morador da periferia fluminense também fortalece a ideia de ser *bandido*, já que os sujeitos que integram regiões afastadas dentro dos próprios centros urbanos também são alvos de distinção e hierarquias sociais, além

disso, ele sofria com crises depressivas, o que também poderia torná-lo improdutivo dentro do sistema capitalista.

O desejo pela morte de Silva não aconteceu apenas porque o rapaz sequestrou o veículo, mas porque ele não ficou a par da vontade soberana. Conforme alega Agamben (2010), é importante considerar que a representação do soberano na contemporaneidade não se encontra centrada em uma figura, como acontecia na Antiguidade ou Medievo. A atuação do soberano naquela época tinha como propósito *fazer morrer e deixar viver*. O que isso quer dizer? A permanência da vida do sujeito era de acordo com a vontade soberano e não havia barreiras que impedissem a possibilidade de morte, caso assim fosse o desejo soberano, a morte era suplicada em mortes realizadas em espaços públicos sob os olhos da população.

Na Modernidade, com o avanço das práticas do capitalismo, a morte suplicada não teria mais tal valor, uma vez que era preciso produzir sujeitos e corpos produtivos aos modos capitalistas. E o pensamento *fazer morrer e deixar viver* oferece espaço para outra forma de pensar: *fazer viver, deixar morrer*, ou seja, mesmo havendo práticas que supostamente previam a permanência da vida, como as estratégias da biopolítica, ainda há o movimento que prezam pela morte de alguns segmentos sociais, cuja morte não tem qualidade política ou social. O novo modo de pensar contempla as práticas biopolíticas, mesmo sendo técnicas que prezariam pela saúde e ordem social, essas ações são estratégias de controle e disciplina do corpo e subjetividades.

Além da questão econômica, a celebração da morte de Silva pode ser explicada também pelo viés da biopolítica. Foucault (2014) apontou as práticas de exclusão daqueles que poderiam ser afastados pelo estado de saúde com viés emocional e psíquico; o diagnóstico, dependendo da gravidade, promovia o afastamento social e a hierarquização entre sujeitos como sendo “normais” ou “anormais”. É importante também frisar que os posicionamentos de Foucault sobre doença, até mesmo as de ordem emocional, não atravessam apenas a condição de saúde e biológica, mas a vigilância moral. Assim, os “doentes” passariam por acompanhamento médico, todavia, caso não houvesse sucesso, a morte deles não causaria dolo ou responsabilidade.

A participante (11) também apresentou posicionamento semelhante quando não condenou a imagem de Witzel em comemoração ao final do acontecimento. Na companhia dos filhos pequenos, sendo que um deles estava no carrinho de bebê, ela comentou “Não achei ruim [a comemoração do governador], a gente tem que diminuir o crime”. O pensamento dela também agrega os posicionamentos anteriores e fundamenta a condição de *homo sacer* a

Silva. O posicionamento da participante integra um pensamento corriqueiro dentro da cultura brasileira de que “bandido bom, é bandido morto”. A qualidade desse posicionamento fundamenta que algumas vidas podem e devem ser descartadas. Em suas devidas proporções, acreditar que algumas vidas podem ser exterminadas e essa condição ser feita em nome de suposta garantia de segurança e proteção social é resgatar os valores que também foram disseminados em regimes fascistas quando algumas vidas poderiam ser selecionadas para serem eliminadas. Conforme apontou Arendt (2018), a intenção de obscurecer a visibilidade e a liberdade ou prejudicar o diálogo não engrandece a ação política, mas fomenta a violência, seja simbólica ou física.

É importante considerar que não foi apenas no holocausto que determinadas vidas puderam ser eliminadas sem que isso não causasse dolo e responsabilidade. No Brasil, durante o período de escravidão, a vida de negros não tinha valor político ou social e a morte desses sujeitos era compreendida como perda material e não humana. No século XIX, conforme Foucault (2014), as ações da biopolítica não eram apenas para promover a saúde e bem-estar, mas também controle e disciplina que se propuseram em agenciar a higienização social, ou seja, restringir, selecionar e hierarquizar aqueles que seriam dignos ou não de frequentar e pertencer ao espaço público, o que ocasionou a formação de regiões não assistidas pelo poder público.

Apesar desses contextos históricos, movimentos belicosos ascenderam com mais afinco nas práticas de convivência e sociabilidade na atualidade junto a nuances de conservadorismo que incluíram severas críticas, inclusive, à atuação de comissões dos Direitos Humanos Universais. Ao contrário de promover espaços públicos de debate ou a discussão para a ação política, como apontou Arendt (2018), há a promoção da intransigência e intolerância ao ponto de reconhecer no *outro* uma ameaça que precisa ser eliminada.

A ausência de alteridade e a intenção de exterminar tudo que aquilo for *diferente* do *eu* torna-se uma prática moral e um valor vigente em sociedade que não sabe lidar com a diferença. Como mencionam Saporì e Souza (2001, p.186): “Os criminosos são concebidos como desprovidos de quaisquer direitos e sob esta ótica são legítimos quaisquer meios usados para proteger a sociedade desta impureza”. Mesmo Silva não sendo um criminoso sob o ponto de vista de não apresentar antecedentes criminais, a despeito de ter cometido um crime pelo sequestro do ônibus, com a posse de uma arma de brinquedo, uma arma de choque, uma faca e ameaçar as pessoas que se encontravam a bordo do veículo com certa quantidade de

gasolina em garrafas PET, a sua morte foi a catarse do desejo do soberano de eliminar impurezas, não apenas do governo, mas também de alguns sujeitos na sociedade.

A aderência ao pensamento de eliminação do *diferente* torna-se uma prática a ponto de tornar-se uma referência cultural. Como a ideia de circuito, enquanto uma potência de afetos, Safatle (2015, p.18-19) acredita que:

Há uma adesão social construída através das afecções. Nesse sentido, quando sociedades se transformam, abrindo-se à produção de formas singulares de vida, os afetos começam a circular de outra forma, a agenciar-se de maneira a produzir outros objetos e efeitos. Uma sociedade que desaba são também sentimentos que desaparecem e afetos inauditos que nascem. Por isso, quando uma sociedade desaba, leva consigo os sujeitos que ela mesma criou para reproduzir sentimentos e sofrimentos.

Vale lembrar que nem todos apresentam as mesmas afetações, todavia, há um cerne que predomina e abarca sujeitos e grupos na intenção de fomentar e circular os afetos no bojo social de forma predominante. Por isso que alguns discursos têm maior aderência, há maior afetação na circulação e reprodução deles.

A imagem de Witzel comemorando o fim do sequestro é sintoma dos afetos e dos valores culturais que estão em circulação, além de ser sintoma também da sua própria gestão enquanto governador. No ano de 2019, Witzel deu aval para que a polícia abatesse pessoas que portavam armas ou que "aparentassem suspeitos", uma prática que defendeu desde a sua campanha ao executivo estadual (ROUVENAT, 2018). Em maio daquele ano, o governador divulgou em perfis em redes sociais imagens de quando sobrevoava de helicóptero uma comunidade periférica de Angra dos Reis, litoral do estado do Rio de Janeiro (BARBON, 2019). Do alto da aeronave, policiais que o acompanhava dispararam rajadas de metralhadoras sem a necessidade, já que não estavam em conflito. Os tiros não atingiram moradores, apenas uma tenda que era utilizada em cultos religiosos evangélicos.

Após esse acontecimento, veio à tona o pedido de esclarecimento da Organização dos Estados Americanos (OEA), através da Relatoria das Nações Unidas para Execuções Extrajudiciais e a CIDH (Comissão Interamericana de Direitos Humanos), sobre aquilo que a instituição denominou como política de abate. A entidade demonstrou preocupação frente ao número de assassinatos que aconteceram entre os meses de janeiro e março de 2019: 434 pessoas mortas em ações das forças de segurança (G1, 2019).

Também em maio daquele ano, houve uma operação no Complexo da Maré, zona norte da capital fluminense, na intenção de capturar Thomaz Jhayson Vieira Gomes, o 3N, um dos comandantes do tráfico no Complexo do Salgueiro, em São Gonçalo, baixada fluminense (HERINGER, 2019). De acordo com a polícia civil do Rio de Janeiro, ele é ligado à facção criminosa TCP (Terceiro Comando Puro). Como resultado, a operação não conseguiu capturar o procurado e provocou a morte de oito pessoas que não estavam envolvidas com crimes. Foi a partir desse acontecimento que a OEA solicitou esclarecimento sobre a atuação do governador em políticas de segurança pública.

Em face aos acontecimentos contextuais e as reflexões apresentadas, não apenas a vida de Silva poderia ser abatida, mas qualquer existência pode ser eliminada e ainda ser celebrada na atual gestão do governo do Rio de Janeiro. Agamben (2004) aponta que a vida pode ser exterminada em situações de extrema privação, como é o caso de guerras; e a exceção se aplicaria em casos pontuais. Todavia, dentro da perspectiva do desejo soberano, a morte não se encontra apenas em condições específicas que caracterizariam excepcionalidades, mas o estado de exceção seria permanente. Amparado em Walter Benjamin, Agamben (2004) acredita que a vida nua, a vida do *homo sacer*, pode ser eliminada sem que haja qualquer acontecimento extraordinário e por isso, o estado de exceção passa a ser compreendido como *estado permanente de exceção*, e a vida pode ser eliminada em quaisquer situações.

A ideia da formação do estado permanente de exceção vai ao encontro de reconhecer que a vontade do soberano não se encontra apenas nas figuras de governantes ou gestores, mas também em pessoas convencionais ou como aponta Arendt (1999), sujeitos banais, que desfrutam de um dia ensolarado no parque de Ponta de Grossa, pois há valores culturais e afetos que estão em circulação que promovem e fomentam a morte dos *bandidos*.

A comemoração do governador do Rio de Janeiro e o apoio a ele é sintoma de um tempo que não preza pelo reconhecimento do *outro* no espaço público e político e que se alastra em circuito enquanto valor cultural. Conforme apontou o jornalista Kennedy Alencar, o atual presidente da República no Brasil, Jair Bolsonaro, o ministro da Justiça Sérgio Moro e Witzel prezam pela paz, a "paz de cemitério" (ALENCAR, 2019). O posicionamento do jornalista foi uma reflexão após a execução do músico Evaldo Rosa. Ele foi alvejado por 80 tiros disparados por policiais em uma blitz em Guadalupe, zona norte da cidade do Rio de Janeiro. De acordo com a polícia ele foi executado por engano ao ser confundido com um assaltante procurado pela polícia. Além de haver a política de abate, há também a

cumplicidade de parte da sociedade para o fomento dos valores de extermínio e destruição de determinadas vidas e os discursos jornalísticos tornam-se sintomas dessa referência cultural.

Quanto à realização da pesquisa, além de reconhecer a ocorrência de aspectos do *homo sacer* pela percepção de parte de alguns sujeitos, ainda é presente a alienação quanto à ocorrência de alguns acontecimentos. Sujeitos que não têm o hábito de leitura de veículos de comunicação dificilmente promovem os aspectos apresentados nesse capítulo, ou seja, o movimento de união e de propor ação política.

Há estudos semelhantes que evidenciam que algumas vidas podem ser aniquiladas sem que isso possa promover dolo ou responsabilidade. Amaral e Arias Neto (2017) apresentaram a recepção da charge publicada no jornal francês Charlie Hebdo sobre o menino sírio AylanKurdi, realizada em Paris. Na pesquisa, alguns dos participantes ratificaram o posicionamento do jornal de dessubjetivar a condição de vulnerabilidade do menino morto que tentou sair da guerra civil que se encontrava na Síria ao atravessar o Mediterrâneo. O jornal afirmou que Aylan seria um estuprador na Alemanha caso tivesse crescido na Europa.

O desejo da morte do *homo sacer* não se encontra apenas na atuação de uma figura exclusiva, mas enquanto uma prática discursiva que está em circulação na sociedade, sendo fomentada inclusive pelos interlocutores que integram as dinâmicas do circuito cultural, ou seja, as figuras anônimas que se encontram no espaço público. Pela análise do circuito proposto, os discursos jornalísticos tornam-se sintomas dos contextos em que ocorrem os acontecimentos. A produção do desejo de morte de determinados sujeitos ou grupos é evidenciada pelas práticas jornalísticas, todavia, é importante salientar que esse desejo também parte do contexto que preza pela morte e aniquilamento do *outro* dentro do espaço público.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A comemoração do governador do Rio de Janeiro e o apoio a ele é sintoma de um tempo que não preza pelo reconhecimento do *outro* no espaço público e político e que se alastra em circuito enquanto valor cultural. Conforme apontou o jornalista Kennedy Alencar, o atual presidente da República no Brasil, Jair Bolsonaro, o ministro da Justiça Sérgio Moro e Witzel prezam pela paz, a "paz de cemitério" (ALENCAR, 2019). O posicionamento do jornalista foi uma reflexão após a execução do músico Evaldo Rosa. Ele foi alvejado por 80 tiros disparados por policiais em uma blitz em Guadalupe, zona norte da cidade do Rio de

Janeiro. De acordo com a polícia ele foi executado por engano ao ser confundido com um assaltante procurado pela polícia. Além de haver a política de abate, há também a cumplicidade de parte da sociedade para o fomento dos valores de extermínio e destruição de determinadas vidas e os discursos jornalísticos tornam-se sintomas dessa referência cultural.

Quanto à realização da pesquisa, além de reconhecer a ocorrência de aspectos do *homo sacer* pela percepção de parte de alguns sujeitos, ainda é presente a alienação quanto à ocorrência de alguns acontecimentos. Sujeitos que não têm o hábito de leitura de veículos de comunicação dificilmente promovem os aspectos apresentados nesse capítulo, ou seja, o movimento de união e de propor ação política.

Há estudos semelhantes que evidenciam que algumas vidas podem ser aniquiladas sem que isso possa promover dolo ou responsabilidade. Amaral e Arias Neto (2017) apresentaram a recepção da charge publicada no jornal francês Charlie Hebdo sobre o menino sírio Aylan Kurdi, realizada em Paris. Na pesquisa, alguns dos participantes ratificaram o posicionamento do jornal de dessubjetivar a condição de vulnerabilidade do menino morto que tentou sair da guerra civil que se encontrava na Síria ao atravessar o Mediterrâneo. O jornal afirmou que Aylan seria um estuprador na Alemanha caso tivesse crescido na Europa.

O desejo da morte do *homo sacer* não se encontra apenas na atuação de uma figura exclusiva, mas enquanto uma prática discursiva que está em circulação na sociedade, sendo fomentada inclusive pelos interlocutores que integram as dinâmicas do circuito cultural, ou seja, as figuras anônimas que se encontram no espaço público. Pela análise do circuito proposto, os discursos jornalísticos tornam-se sintomas dos contextos em que ocorrem os acontecimentos. A produção do desejo de morte de determinados sujeitos ou grupos é evidenciada pelas práticas jornalísticas, todavia, é importante salientar que esse desejo também parte do contexto que preza pela morte e aniquilamento do *outro* dentro do espaço público.

5 REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. **Homo sacer**: o poder soberano e a vida nua. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

AGAMBEN, Giorgio. **O estado de exceção**. São Paulo: Boitempo, 2004.

AGÊNCIA BRASIL. Política de “abate” de Witzel é denunciada à OEA por deputados do Rio de Janeiro. **Site Exame**. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/politica-de-abate-de-witzel-e-denunciada-a-oea-por-deputados-do-rj/>. Acesso: 17 mar. 2020.

ALENCAR, K. Bolsonaro, Moro e Witzel oferecem ao Brasil a paz dos cemitérios. **Blog do Kennedy**. Disponível em: <https://www.blogdokennedy.com.br/bolsonaro-moro-e-witzel-oferecem-ao-brasil-a-paz-dos-cemiterios/>. Acesso: 11 fev. 2020.

AMARAL, M. E. P. do A. **Comunicação, perversão e política**: o impeachment de Dilma Rousseff em circuito. Tese (Doutorado em Comunicação) – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Bauru, p. 315, 2019.

AMARAL, M. E. P. do A; ARIAS NETO, J. M. Perversão à parisiense: quando o mal está na rua. **Redes.com**, n. 15, p. 278-303, 2017.

ARENDT, H. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1983.

ARENDT, H. **O que é política**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2018.

ARENDT, H. **Eichmann em Jerusalém**: um relato sobre a banalidade do mal. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BARBON, J. Helicóptero com Witzel a bordo atirou em lona de oração em Angra, dizem moradores. **Site Folha de S. Paulo**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/05/helicoptero-com-witzel-a-bordo-atirou-em-lona-de-oracao-em-angra-dizem-moradores.shtml>. Acesso: 10 fev. 2020.

BARBON, J. Investigação conclui que PM atirou na menina Ágatha no Rio. **Site Folha de S. Paulo**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/11/investigacao-conclui-que-pm-atirou-na-menina-agatha-no-rio.shtml>. Acesso: 14 fev. 2020.

BUTLER, J. **Precaurios life**: the powers of mourning and violence. London/New York: Verso, 2004.

COELHO, H.. Sequestrador de ônibus é morto por sequestrador de elite na Ponte Rio-Niterói; os 39 reféns passam bem. **Site G1**. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/08/20/tiros-sao-ouvidos-em-sequestro-a-onibus-na-ponte-rio-niteroi.ghtml>. Acesso: 06 fev. 2020.

DUFRENNE, M. **Estética e filosofia**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. São Paulo: Graal, 2012.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2014.

G1; TV GLOBO. Homem morre após ser baleado em ação do Exército na zona oeste do Rio. **Site G1**. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/04/07/homem-morre-apos-carro-ser-atingido-em-acao-do-exercito-na-zona-oeste-do-rio.ghtml>. Acesso: 04 mar. 2020.

G1. Witzel é denunciado à ONU por presidente da comissão de Direitos Humanos da Alerj. **Site G1**. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/05/07/witzel-e-denunciado-a-onu-por-presidente-da-comissao-de-direitos-humanos-da-alerj.ghtml>. Acesso: 04 mar. 2020.

HERINGER, C. Traficante 3N se escondeu pelo menos em três favelas antes de ser morto em operação. **Site Extra/Globo**. Disponível em: <https://extra.globo.com/casos-de-policia/traficante-3n-se-escondeu-em-pelo-menos-seis-favelas-antes-de-ser-morto-em-operacao-24103019.html>. Acesso: 04 mar. de 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/ponta-grossa/panorama>. Acesso: 10 fev. 2020.

JOHNSON, R. O que é, afinal, Estudos Culturais? SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 9-131.

LOPES, M. I. V. Mediação e recepção: algumas conexões teóricas e metodológicas nos estudos latino-americanos de comunicação. **Revista Matrizes**, v.8, n. 1, pp. 65-80, 2014.

MARTÍN-BARBERO. Comunicação e mediações culturais. Entrevistador: Claudia Barcelos. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 151-163, 2000.

MELLO, I. Witzel nega ter festejado morte de sequestrador: “Comemorei a vida. **Site UOL**. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/08/20/witzel-nega-ter-festejado-morte-de-sequestrador-comemorei-a-vida.htm>. Acesso: 14 fev. 2020.

PELBART, P. P. Vida e morte em contexto de dominação biopolítica. In: PELBART, Peter Pál. **O fundamentalismo contemporâneo em questão**. São Paulo: IEA/USP, 2008, p. 1-21.

ROUVENAT, F. Witzel volta a afirmar que vai mandar abater quem for pego de fuzil. **Site G1**. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/eleicoes/2018/noticia/2018/10/10/witzel-cita-bolsonaro-e-volta-a-afirmar-que-vai-mandar-abater-quem-for-pegado-de-fuzil.ghtml>. Acesso: 14 fev. 2020.

SAFATLE, V. **Circuitos de afetos: corpos políticos, desamparado e o fim do indivíduo**. 1ªed. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

SAPORI, L. F.; SOUZA, S. B. de. Violência policial e cultura militar: aspectos teóricos e empíricos. **Teoria & Sociedade**, n. 1, v. 7, p. 73-214, 2001.

TALENTO, A. ‘Ninguém comemora a morte de ninguém’, afirma Witzel sobre o sequestro da ponte. **Site O Globo**. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/ninguem-comemora-morte-de-ninguem-afirma-witzel-sobre-sequestro-na-ponte-23894060>. Acesso: 14 fev. 2020.